

Sindicato denuncia falta de médicos em Sobradinho

CORREIO BRAZILIENSE

19 JAN 1996

Para denunciar a situação de calamidade dos hospitais públicos do Distrito Federal, o Sindicato dos Médicos do Distrito Federal vistoriou ontem o Hospital Regional de Sobradinho (HRS).

A principal constatação foi o número insuficiente de médicos.

O diretor do sindicato, Mário Cinnelli, afirma que não há médicos que aceitem trabalhar num pronto-socorro para ganhar apenas R\$ 947.

O sindicato ameaça greve se uma proposta de plano de cargos e salários, prometida em setembro pelo Governo do Distrito Federal, não for apresentada à Câmara Legislativa.

Verba — “Existe uma comissão formada por representantes da administração e dos sindicatos que até abril deve encaminhar a proposta”, adianta o secretário-adjunto de Saúde, Antônio Alves.

Ele diz que este ano a União pretende repassar uma verba de R\$ 321 milhões para a área da Saúde, valor inferior ao enviado em 1995, que foi de R\$ 387 milhões.

“Se não conseguirmos negociar com o Governo Federal o aumento da verba, não teremos dinheiro para pagar os funcionários da Saúde”, admite Antônio Alves.

O secretário-adjunto afirma que, por enquanto, não há como pensar em novas contratações para preencher o quadro da Fundação Hospitalar do Distrito Federal.

Colchão — Segundo Glayne Souza, uma das diretoras do sindicato que participou da vistoria, o HRS deveria ter, no mínimo, 21 especialistas em clínica médica para atender a todas as necessidades do hospital.

“Existem apenas sete clínicos que trabalham 40 horas semanais e fazem mais 96 horas extras por mês, por causa dos baixos salários”, disse ela.

Nos corredores do pronto-socorro, os diretores do sindicato encontraram mais de 20 pacientes sendo atendidos em condições precárias.

Antônia Gonçalves da Costa, 95 anos, internada às pressas por causa de uma pneumonia, teve que ser acomodada sobre um colchão colocado no piso do pronto-socorro.



Paulo Roberto divide o consultório com dois ortopedistas e caixas de gesso

Ortopedista engessa cadeira

O ortopedista Paulo Roberto Meyer trabalha há dez anos no Hospital Regional de Sobradinho (HRS) e atende, em plantões de 12 horas, cerca de 50 pessoas.

Quando não está no consultório, Paulo Roberto opera no Centro Cirúrgico. Ele não conta com nenhum auxiliar para ajudá-lo nas cirurgias.

“Algumas vezes eu fico gritando por uma enfermeira que passa no corredor para ver se ela me alcança o material que estou precisando”, afirma o ortopedista.

No consultório em que Paulo Roberto atende trabalham mais dois ortopedistas.

Não existe nenhum conforto: caixas de gesso estão empilhadas pelos cantos da sala e as paredes permanecem quase sem pintura.

Paulo Roberto mostra também várias cadeiras que, segundo ele, foram reformadas pelos médicos.

“Para os nossos pacientes podem sentar, enfaixamos e engessamos algumas cadeiras”, conta Paulo Roberto.

Privacidade — Ele reclama que não tem a menor privacidade para fazer um tratamento ético e que desde que entrou na Fundação Hospitalar do Distrito Federal só vê as coisas piorarem.

“Meu salário é de R\$ 500. Com as gratificações e outras vantagens funcionais, não chego a receber nem R\$ 1.500 por mês”, revela Paulo Roberto.

Para sustentar a família (tem três filhos) e manter-se atualizado em Medicina, o ortopedista trabalha também no Hospital das Forças Armadas e tem consultório particular.

“Não conheço nenhum colega médico que não tenha no mínimo três empregos”, afirma o ortopedista Paulo.